

---

**Resenha de**  
**BARTHES, Roland: Da ciência à literatura / escrever a leitura. Rio de Janeiro: Martins**  
**Fontes, 2010**

---

**Ricardo Vigna<sup>1</sup>**

*Só a escritura.../ efetua a linguagem na sua totalidade*  
*Roland Barthes*

O Rumor da Língua é uma coletânea de ensaios publicados esparsamente entre 1964 e 1980 por Barthes e que foram organizados pelo editor François Wahl em partes temáticas e de acordo com o “tom” da escrita barthesiana. Resenharemos aqui 2 artigos retirados da primeira parte, intitulada Da Ciência à Literatura.

A biografia intelectual de Barthes (1915-1980) está delineada por Perrone-Moisés no prefácio do citado livro e nos revela quatro etapas dos escritos do autor: o mitólogo, o novo-crítico, o semiólogo e o escritor. Os textos aqui enfocados são de verve semiótica e, todavia, nos levam a questionar os limites do Estruturalismo e da ciência geral dos signos na análise da literatura, indicando assim a co-presença do escritor-artista nos trabalhos de inspiração científica.

Já no texto inicial *Da Ciência à Literatura*, de 1967, o pensador francês nos faz notar que o caminho estruturalista teria que ser revisto, pois a análise literária, alicerçada tão somente na Linguística, geraria certo reducionismo no trabalho de interpretação. Significa dizer, em termos mais específicos, que o meta-texto produzido pelo analista da obra literária não dá conta da “infinitude da linguagem de que a literatura é hoje passagem” (p.6), pois o discurso científico, lastreado na verdade racional, opera apenas um código e, portanto, não consegue captar a riqueza da linguagem e a pluralidade de códigos representados na escritura. Esta última é “um vasto sistema em que não se privilegia nenhum código ou, se preferir, nenhum é considerado central e seus departamentos mantém uma relação de ‘hierarquia flutuante’” (p.10); a ciência, por sua vez, se restringe ao discurso controlado pela racionalidade, relegando, por exemplo, a linguagem afetiva, representativa primaz do humano, a segundo plano. Deste modo, para dar conta desta complexidade da escritura, o pensador francês sugere que o “estruturalista” venha a ser também um “escritor”, o que, a nosso ver, significa transcender o próprio Estruturalismo e a linguagem científica.

Em “Escrever a Leitura”, Barthes, de certa forma, reflete sobre a sua própria superação do método estrutural ao escrever *S/Z* (1970). Relata que ali, em vez de se preocupar em descrever estruturas literárias onde buscar o que autor quis dizer (no caso Balzac, em *Sarrasine*), passou isto sim a anotar o que ele próprio, enquanto leitor, produzia. Daí constatou que, paralelo à leitura, os intérpretes, de certa forma, produzem textos, seja ao indagar sobre o que está sendo lido, seja ao expandir ou ao contrapor ideias suas às sugeridas pelo livro.

Tal enfoque significa uma mudança de paradigma no que diz respeito à teoria da leitura, pois afigura do autor como produtor único de sentido das obras literárias cede lugar, nestes termos, ao leitor, que passa a ser considerado sujeito de sua leitura e, de certa forma, co-autor no que tange à significação do texto. Por conta disto, a inteligência passa a funcionar de maneira diferente: a leitura não mais funciona nos termos de lógica dedutiva, em que se empreende unicamente a busca daquilo que o texto diz e do significado proposto pelo autor; o ato de ler, se dá, isto sim, naquilo que Barthes chama de “lógica associativa” em que “se associa ao texto material (a cada uma de suas frases) outras ideias, outras imagens, outras significações”

---

<sup>1</sup> Formado em Letras (UnB), Doutor e Pós-Doutor Literatura (UFRJ). Professor universitário e pesquisador da Cátedra UNESCO de Leitura (PUC-Rio), é coordenador de nivelamento da UniMSB/RJ.

(p.28). Deste modo, o leitor “dissemina”, “expande”, “interpreta” o que a obra literária diz, ao mesmo tempo em que cria mentalmente outro texto, o texto-leitura.

Estes ensaios, cremos, valem ser lidos porque propõem que o ato de ler, além de disciplinar a mente, possibilita a expansão criativa do pensamento; e mais: tais artigos revelam um pensador a praticar o que prega, dado que não se rende às tentativas de enquadramento da linguagem em limites delimitados por determinados discursos, por ideologias, pelo contrário, afirma a escritura como representativa da totalidade do humano.